



### **300 de Angeli: jornalismo e retrato social em desenhos de humor<sup>1</sup>**

Daniel Corrêa Espina<sup>2</sup>  
Luis Fernando Rabello Borges<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta uma análise das charges produzidas por Angeli os dois mandatos do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, de 1995 a 2002. Dentre as cerca de 1500 charges publicadas originalmente no jornal *Folha de São Paulo*, foram selecionadas 300, disponibilizadas no portal *UOL - Universo On-Line* sob o título de *Biografia Não-Autorizada de FHC*. Para a realização da análise, foi realizada inicialmente uma pré-observação das 300 charges, de forma a subdividi-las por assuntos, foram pinçados alguns desses assuntos e algumas charges correspondentes a cada um deles. Foi analisada, então, como Angeli promoveu uma construção desse período da história do país através do jornalismo opinativo. Por estes critérios a Biografia pode ser considerada uma fonte de análise e pesquisa, por apresentar uma construção e interpretação específica daquela realidade.

**Palavras-chave:** charge; jornalismo opinativo; Angeli; governo FHC.

#### **Considerações iniciais**

O jornalismo possui uma formatação bem definida, quer no meio impresso, no rádio, na televisão ou na internet. A mídia, na maioria das vezes, veste uma personagem sem emoções explícitas, sem espontaneidade, entre várias outras características perceptíveis no dia a dia do fazer jornalístico tradicional.

Os processos requerem objetividade no menor tempo possível, muitas vezes métodos de apurar, informar e apresentar são impostos por livros e manuais. O riso, expressão inerente ao ser humano, não encontra muito espaço neste tipo de mídia.

Porém, como para toda a regra há uma exceção, conforme dito popular, percebemos algum espaço no humor. As charges aparecem como exceção à “regra jornalística”, pois trazem em sua essência a ironia, a sátira, o exacerbado do ridículo.

A charge tem o seu principal manancial no jornalismo diário. Conforme são agendados temas relevantes à sociedade, fica a critério do chargista recortar a realidade factual e aplicar sua bagagem cultural e percepção pessoal em seus traços, apropriando-se do humor, para fazer emergir o debate social dos problemas da própria sociedade, com uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Acadêmico do 8º semestre do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM/Cesnors.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM/Cesnors.



abordagem reflexiva mas de maneira descontraída. O riso pode mascarar uma dura realidade e levar a sociedade a refletir temas que, por seu caráter, seriam dificilmente debatidos.

Por nascer a partir das notícias, é possível afirmar que a charge leva a uma construção da realidade. Vale observar, aliás, que nem mesmo as notícias conseguem retratar os fatos com total fidelidade: por exemplo, no instante em que um fotógrafo direciona sua câmera para a esquerda ou para a direita, ele já estará fazendo uma escolha, tomando uma posição.

Contudo, as charges não se deleitam apenas na fonte do jornal diário, podendo buscar sua inspiração em toda e qualquer produção: toda bagagem intelectual serve de recurso, como um arquivo, ao qual o chargista pode recorrer, além de poder incluir o chamado “lixo cultural” que no tocante ao humor pode servir muito bem.

Neste contexto está inserido Arnaldo Angeli Filho, vulgo Angeli. Paulista nascido no dia 31 de agosto de 1956, é um dos mais populares chargistas do Brasil. Tem suas produções publicadas desde 1973 no jornal *Folha de São Paulo*. Desde a década de 80, Angeli vem construindo uma galeria de personagens famosos, como Rê Bordosa, Wood & Stock e Walter Ego. Ele próprio também se tornou um personagem, estrelando "Angeli em crise". O chargista já teve suas tiras publicadas na Alemanha, França, Itália, Espanha, Argentina e Portugal.

Dentre a vasta produção de Angeli, foram selecionados para análise neste trabalho os desenhos produzidos entre os anos de 1995 a 2002 e publicados no site do *UOL – Universo On Line*. Nesse período, correspondente ao governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), o autor produziu mais de 1.500 charges, para o jornal *Folha de São Paulo*. Destas, selecionou 300 e publicou no *UOL* a *Biografia Não-Autorizada de FHC*. Seus dois mandatos consecutivos constituíram o foco de Angeli, conforme ele próprio afirma no portal.

Como as hienas e os urubus, nós chargistas petiscamos a carniça da política dos homens. Na verdade eu preferiria uma dieta sem gorduras, mas como na República da Buchada de Bode até refinados tucanos lambuzam os bicos, acabei passando os últimos oito anos fritando mais de 1.500 charges em óleo quente. Aqui, nesta edição especial de final de governo, selecionei 300, só aquelas em que o protagonista é aquele sociólogo poliglota que, como presidente, comeu o pão croissant que o diabo do ACM amassou (Disponível em: <http://www2.uol.com.br/angeli/fhc/>. Acesso em: 01 jul. 2009).



Assim, a finalidade fundamental deste trabalho envolve perceber qual construção específica do governo (e do presidente) Angeli está propondo através de suas charges, que versão do período histórico (e do personagem) está sendo criada. Pretendemos verificar de que forma se dá a construção da realidade na charge.

A seleção e organização das charges analisadas compreenderam duas etapas. Em um primeiro momento, foi realizada uma pré-observação das 300 (trezentas) charges com a finalidade de dividi-las por grupos de assuntos e acontecimentos.

Após este contato inicial, partimos para a seleção de algumas charges dentro de cada assunto, de forma a abranger o máximo possível de assuntos abordados pelas charges a respeito do governo FHC.

### **A charge e suas diferenças para com cartum e caricatura**

De início, faz-se necessário a distinção precisa entre os conceitos de caricatura, cartum e charge, pois, embora sejam parecidos na suas formas (visual) e finalidades (humor), não são a mesma coisa. A caricatura (do latim *caricare*, carregar, exagerar, acusar, ridicularizar) é o exagero de traços característicos da fisionomia de um indivíduo, aspectos com características humorísticas, cômicas ou grotescas. Para Fonseca, “é um desenho que, pelo traço, pela seleção criteriosa de detalhes, acentua ou revela certos aspectos ridículos de uma pessoa” (*apud* FELDENS, 2007, p.53).

O cartum tem por característica a crítica de costumes, sendo atemporal, por abordar situações de lugares comuns e questões do comportamento humano. O cartunista Jaguar utilizou um exemplo que define perfeitamente o cartum: “uma piada do ‘Ricardão dentro do armário’, todo mundo sabe do que estou falando, em qualquer época” (COLOMO *apud* SOUZA, 2007, p.35). Segundo Fonseca, “seu objetivo é provocar o riso do espectador; crítica mordaz, satírica, irônica e principalmente humorística do comportamento do ser humano, das suas fraquezas, dos seus hábitos e costumes” (*apud* FELDENS, 2007, p.53-54).

A charge é muito semelhante ao cartum, mas seu foco é um fato específico, atual. Não é à toa que, em inglês, significa carga, avanço sobre. Segundo Luiz Amaral (2008), os acontecimentos recentes abordados pelas charges possuem um caráter predominantemente político. O conhecimento do fato, por parte do interlocutor, é fundamental para a compreensão. E, por estar intimamente ligada ao contexto, a charge encontra-se “circunscrita a uma limitação de tempo” (PAGLIOSA, 2004, p. 135).



As origens da charge remetem a outras formas de expressão artística, externas ao universo do desenho:

Já nos séculos XVIII e XIX os esquetes teatrais, curtos e satíricos diálogos realizados como intervalo para as grandes trocas cênicas, auxiliavam a composição das operetas cômicas e do teatro de revista. Os temas encenados revezavam-se entre a crítica aos costumes e a sátira política, por meio de convenções cenográficas e de dramaturgia específicas do local a ser encenado, como a figura-tipo do caipira ingênuo, adaptado às revistas nacionais. Partindo dos personagens-tipo consagrados no gênero teatral, a caricatura na imprensa abandonou o ornamento dramático, afinando-se com a atualidade. Incorpora os elementos expressivos dos esquetes, considerados eficazes ao público, como a economia de traços e movimentos e, sobretudo, a fruição do prazer, característica essencial das formações psíquicas carregadas de comicidade, o que tornava mais eficaz a transmissão de conteúdos, estabelecendo-se dentro de duas concepções sócio-culturais próprias da linguagem jornalística (NOGUEIRA, 2005, p.1-2).

Enquanto peças de humor gráfico, as charges possuem caráter verbal (palavra) e não-verbal (imagem), que, por suas inferências intertextuais (hipertextualidade), produzem múltiplas formas de leitura, vinculados com a ironia e a caricatura.

Além de ter um forte sentido, no seu contexto, elas esbanjam um posicionamento e forte opinião sobre fatos e atores sociais.

### **A charge enquanto jornalismo opinativo**

José Marques de Melo (1985) observa que, nas charges, elementos de linguagem como traços e cores são utilizados a serviço da construção da realidade. Nesse sentido, as charges devem ser entendidas como gênero jornalístico – mais especificamente, jornalismo opinativo.

Está na hora de avaliar o papel jornalístico da charge, suas peculiaridades e impactos, a manipulação marota dos fatos, e esquece-se de pensar a charge, que também recorta e reorganiza a notícia, mas continua relegada a uma zona de tolerância chamada “o lado alegre da notícia” (SPACCA *apud* PAGLIOSA, 2004, p.129).

Desenhos de humor são pautados pelo jornalismo diário, ou seja, o jornalismo opinativo tem seu manancial primordial nos assuntos agendados pelo jornalismo informativo. Apropriando-se do humor crítico, e muitas vezes sutil, traz às relações



sociais as mais diversas pautas que necessitam ser pensadas e discutidas no meio social. Por isso, as charges são fundamentais na elaboração e publicação de opiniões ideológicas.

O agendamento promovido pelo jornalismo informativo, segundo Nelson Traquina (2001), se dá pela seleção e veiculação de pautas segundo alguns critérios do saber jornalístico, aquilo que os jornalistas sabem e as pessoas em geral não, enfim, os critérios de noticiabilidade. Conforme Traquina, “as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento” (2001, p. 29).

E o jornalismo informativo tem como objeto primordial a notícia, como diz Erbolato: “As notícias são a matéria-prima do jornalismo, pois somente depois de conhecidas ou divulgadas é que os assuntos os quais se referem podem ser comentados, interpretados e pesquisados, servindo também de motivo para gráficos e charge” (1991, p. 49).

Para Gaye Tuchman, “dizer que notícia é uma ‘estória’ não é de modo nenhum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor alerta-nos para o fato de a notícia (...) ser uma realidade construída” (*apud* TRAQUINA, 2001, p. 30).

O jornalismo informativo traz uma formatação calcada no *lead*, que o acaba engessando em suas formas, de modo a reduzir um fato a um detalhe deste fato ou reconstruir uma parte da realidade total, não conseguindo, por sua vez, abranger o todo. Como propõe Adelmo Genro Filho:

O resultado é que a singularidade é reificada pela compreensão espontânea do jornalista, que acaba aceitando implicitamente a particularidade e a universalidade sugeridas pela imediatividade e reproduzidas pela ideologia dominante. Assim, a busca da ‘especificidade’ na atividade jornalística limita-se a uma receita técnica de fundo meramente empírico, uma regra operativa que os jornalistas devem seguir sem saber o motivo, tornando-se presa fácil da ideologia burguesa e da fragmentação que ela proporciona. A realidade transforma-se num agregado de fenômenos destituídos de nexos históricos e dialéticos. A totalidade torna-se mera soma das partes; as relações sociais, uma relação arbitrária entre atitudes individuais. O mundo é concebido como algo essencialmente imutável e a sociedade burguesa como algo natural e eterno, cujas disfunções devem ser detectadas pela imprensa e corrigidas pelas autoridades (1987, p.??).



O jornalismo produz o fato e o fato produz o jornalismo. A partir de todo este emaranhado de contexto social e bagagem jornalística, o chargista utiliza-se da opinião para trazer à esfera pública curiosidades sob a perspectiva dos traços e suas inferências.

A exacerbação no traço e nas ações que compõem perfil político e psicológico de suas ‘vítimas’ permite a charge expor as peças da personalidade, objetivos, desvios de informação que o enfocado queira manter em segredo. Nas ditaduras, comumente elimina-se a charge e o incômodo que ela pode causar aos ditadores [...] Em sociedades democráticas, a charge é um importante instrumento de expressão da heterogeneidade cultural e de pensamentos, pois ridiculariza o comportamento político dos ‘donos do poder’ e compõe novas cenas no espetáculo político (NERY *apud* OLIVEIRA, 2006, p.8).

### **Análise das charges**

Com base nas definições sobre charge e jornalismo opinativo abordadas anteriormente, será apresentada a partir de agora uma análise de conteúdo das charges de Angeli publicadas no site do *UOL* sobre os oito anos de gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso, compreendendo dois mandatos, realizados entre os anos de 1995 e 2002. Segundo Bardin, a análise de conteúdo “consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios susceptíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir numa certa ordem na confusão inicial. É evidente que tudo depende, no momento da escolha, dos critérios de classificação, daquilo que se procura ou que se espera encontrar” (1977, p.37).

Nesse sentido, a primeira etapa realizada foi uma pré-observação das 300 charges que Angeli publicou no portal. Através desta primeira etapa, percebemos que há grupos de afinidade de tema, que possuem assuntos similares. O que originou a segunda etapa da pesquisa, a seleção das charges em 16 grupos: *500 anos do Brasil*, *Adeus Mundo Cruel* (relativo aos finais dos anos do período do governo), *Alianças*, *Bonde da História*, *FHC*, *Fim do Mandato*, *FMI*, *Personas do Período* (a exemplo de Antônio Carlos Magalhães, José Sarney, Itamar Franco, José Serra e Pedro Malan), *Ministérios*, *Oposição*, *Pesquisas*, *Problemas e Crises do Governo*, *Reeleição*, *Retrato dos Presidentes*, *Série Faixa Presidencial* e *Viagens de FHC*.

Dentre esses, selecionamos nove grupos, os que mais apresentam diversidade de enfoques sobre o governo FHC, e que portanto trazem mais elementos para a compreensão da Biografia Não-Autorizada construída por Angeli.



Interessante observar, de início, que o chargista nem sempre se pauta no jornalismo informativo para montar seu discurso: algumas charges são construídas simplesmente sobre a figura, a personagem de FHC.

Os nove grupos selecionados são: *Alianças, Oposição, Ministérios, FMI, Pesquisas, Problemas e Crises do Governo, Reeleição, Viagens de FHC e Fim do Mandato*. E estão agrupados em 2 subcapítulos.

### **Alianças e oposição, ministérios e reeleição**

Em seu primeiro mandato, Fernando Henrique Cardoso conseguiu conter as oposições ao seu governo e aprovar com facilidade projetos políticos e reformas constitucionais, tudo graças a uma costura bem ampla de alianças políticas. Esse é o tema abordado (e satirizado) por Angeli na charge *FHC Style*, de 27 de abril de 1997.

Em ambos os mandatos de FHC, a costura das alianças se refletiu também na definição dos ministérios de governo. Através de suas charges, Angeli interpreta a escolha de cada ministro como sendo casual, e não algo pensado, planejado. Quer dizer, o chargista dá a entender que tais escolhas ocorrem mais por conta de afinidades político-partidárias do que propriamente de aptidões para determinado cargo. É isso o que pode ser percebido na charge *Os Suspeitos*. Datada de 5 de julho de 1999, quando do início do segundo mandato de FHC, a charge ainda nos remete a um contexto de suspeitos, onde é feito o reconhecimento, por parte das vítimas, de algum crime ou alguma testemunha do mesmo, a identificação do criminoso. Figuram na charge 5 suspeitos, 5 candidatos e o enunciado por parte do narrador (Angeli), presente em um retângulo com os dizeres “montando ministérios”, em contraponto com o desenho em si, que retrata um processo de identificação do “elemento suspeito”. Denota, enfim, que a escolha de cada ministro, um cargo de extrema importância para a administração governamental, seja feita de forma aleatória, sem nenhum critério – e, o pior, resultando na seleção de criminosos, corruptos.

“No Congresso Nacional, o Partido dos Trabalhadores (PT) liderava a oposição ao governo. O PT articulou os movimentos sociais e sindicais, e as esquerdas de modo geral, formando uma ampla frente de oposição parlamentar” (Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u72.jhtm>>. Acesso em: 08 set. 2009). Esse cenário é ilustrado pela charge intitulada *Todo Mundo no Palanque da Oposição* e publicada em 30 de setembro de 1997. Entretanto, sua forte base parlamentar de apoio contribuiu decisivamente para a estabilidade econômica, empunhando a bandeira do



controle da inflação advindo com o Plano Real – o que contribuiu decisivamente para assegurar a governabilidade de seu mandato.

A costura de alianças também foi decisiva para a aprovação de uma emenda constitucional que criou a reeleição para os cargos eletivos do Executivo, abrindo caminho para que FHC se tornasse o primeiro presidente brasileiro a ser reeleito, no pleito de 1998. Além de seu partido, o PSDB, ele manteve o apoio total do PFL (atual DEM) e do PTB, que o respaldaram na primeira eleição, de 1994, e ainda agregou o PPB (antiga ARENA e PDS e atual PP) e parte do PMDB (antigo MDB, oposição à ARENA/PDS). A charge *O Que o Brasil Tem?*, publicada em 27 de abril de 1997 já antecipa a postura de intensificação das alianças que, através da defesa da manutenção da política econômica representada pelo Plano Real, iria assegurar a reeleição de FHC ainda no primeiro turno, tal como na eleição presidencial anterior.

Outra charge a antecipar a reeleição, publicada em 8 de janeiro de 1997, intitula-se *De Pai pra Filho*. Nela, Angeli aborda o discurso estereotipado do pai “mega latifundiário” para o filho observando a terra. No desenho, aparece a figura do chefe (pai), com a faixa presidencial ostentando o número 94, em alusão ao ano da campanha presidencial que elegeu FHC presidente, e a do “filho”, um “FHC Júnior” que por sua vez faz uso de uma faixa com o número 98, ano da eleição seguinte. FHC repassa seu “latifúndio” (o congresso Nacional) a “mini-FHC”, dizendo “Fernando Henrique, um dia tudo aquilo será seu”.

### **Crises do governo: viagens de FHC, FMI, pesquisas e fim do mandato**

A tão alardeada estabilidade econômica do governo Fernando Henrique Cardoso não impediu, e tampouco ocultou, a intensificação das enormes desigualdades sociais que, por um lado, fazem do Brasil um dos países mais ricos do mundo e, por outro, um dos mais injustos, notadamente em termos de alimentação e distribuição de renda.

Angeli registrou esse cenário, por exemplo, através da charge *Elevador Brasil*, publicada no dia 29 de dezembro de 1999, às vésperas do início de 2000. No elevador em questão, o ascensorista é Fernando Henrique Cardoso, identificado pelo uniforme completo de um funcionário de hotel. O elevador se apresenta lotado de crianças, adultos e velhos, de ambos os sexos, representando a sociedade brasileira. A porta do elevador se abre ao chegar no 2000º andar, em uma clara alusão ao ano (e década) que estava na iminência de despontar. Acompanhada da abertura da porta do elevador, vem a identificação do que há no “andar”: desemprego, saúde e educação em crise, má





distribuição de renda, alta mortalidade infantil, pobreza e até mesmo “toaletes no fim do corredor”, remetendo ao ambiente de hotéis.

A crise do desemprego foi uma das marcas mais criticadas da gestão Fernando Henrique Cardoso. Rotularam-no de "neoliberal", isto é, de defender os interesses do capital estrangeiro, dos grandes industriais e banqueiros, de transferir para a iniciativa privada o patrimônio público através da venda de empresas estatais, eliminação de direitos trabalhistas e prosseguir com uma política econômica que prejudicava as camadas populares mais pobres (Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u72.jhtm>>. Acesso em: 08 set. 2009).

Na charge *Realidade Virtual*, publicada em 3 de novembro de 1999, Angeli faz uso de um assunto bastante em voga na época, alavancado pelo sucesso do filme *Matrix*, para abordar o problema do desemprego. A improvável relação entre realidade virtual e desemprego se materializa na charge, que retrata uma realidade fictícia, que não é algo real, com o presidente e assessores andando em fila indiana, diante de um grupo de mendigos e exclamando “suculento filé acebolado”, “pizza” e “salada de aspargos”, enxergando através das lentes de seus óculos 3D iguarias onde existia apenas miséria e o vazio da fome. O espanto pelas mãos levantadas do então presidente e seus assessores igualmente revelam uma atitude de surpresa com uma “realidade” ficcional que não é o que vemos no contexto real. Também é possível perceber pela utilização do interdiscurso a imagem complementada pelo texto “falado” com a expressão “uau”. Além de aludir a um período fortemente marcado por recessão e desemprego, o governo FHC testemunhou diversas denúncias de corrupção, com destaque para acusações de compra de parlamentares para aprovação da reeleição e favorecimento de alguns grupos financeiros no processo de privatização de empresas estatais.

“O governo Fernando Henrique Cardoso rebateu as críticas, argumentando que foram implementadas uma série de políticas sociais de transferência de renda para as populações mais pobres através de programas como o bolsa-escola, o vale-gás e o bolsa-alimentação” (Disponível em:

<<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u72.jhtm>>. Acesso em: 08 set. 2009).

As viagens internacionais do presidente também foram alvo de críticas por parte da opinião pública – a ponto de receber alcunhas como a de “Viajando Henrique Cardoso”. Angeli também não deixou por menos, tomando esses acontecimentos como gancho para retratar reflexos da crise do governo FHC.



Na charge *FHC Chega à Índia*, publicada em 23 de janeiro de 1996, Angeli traça um paralelo entre aquele país e a realidade brasileira. Afinal, tanto o Brasil quanto a Índia caracterizam-se pela extensão territorial, vastidão de riquezas e recursos econômicos e por serem populosos, ao mesmo tempo em que apresentam altos índices de pobreza e má distribuição de renda. A comparação promovida por Angeli nessa charge materializa-se no momento em que FHC desembarca na Índia. Ao começar a descer a escada do avião, rodeada por uma multidão, o presidente aponta para alguém e exclama: “Olhe! Não é o mesmo garoto do cruzamento da Av. Brasil com a Rebouças?”.

Além disso, vale perceber, na mesma charge, que todos da multidão estão com suas mãos estendidas em direção ao presidente brasileiro, alguns com chapéus e um deles com uma caneca, na atitude de pedir. Afinal, chapéus e latinhas são geralmente usados por moradores de rua e mendigos para arrecadar dinheiro, pedir esmola, iniciativa típica de pessoas que estão desempregadas e não têm dinheiro para comprar suprimentos básicos a sobrevivência.

Outro assunto bastante recorrente nas charges de Angeli diz respeito tanto às viagens de FHC quanto às crises enfrentadas por seu governo. Trata-se das negociações junto ao FMI. O presidente viajou várias vezes aos Estados Unidos com o intuito de abrandar a dívida externa, que juntamente com a interna somava cerca de R\$ 153 bilhões. Sem falar nas dívidas de estados e municípios, que permaneciam descontroladas.

No seu governo, a dívida pública do Brasil, que era de US\$ 60 bilhões em julho de 1994, foi para US\$ 245 bilhões em novembro de 2002.

Por sugestão do FMI, o presidente liberou o fluxo de capitais externos especulativos de curto prazo no Brasil (hot-money), o que supostamente inundariam nosso país, nos trazendo riqueza e prosperidade, Entretanto, deu-se exatamente o oposto: a cada imprevisto que surgia do outro lado do mundo, fosse ele problemas na Rússia ou crises na Malásia, a economia brasileira sofria uma retirada abrupta desses capitais internacionais especulativos (hot-money), o que teve como consequência um aumento enorme da dívida interna e dos juros, cujos índices reais foram os mais altos da história do país.

Na charge *Último Pedido*, publicada em 12 de outubro de 1998, FHC aparece amarrado em sua própria faixa presidencial, junto a um paredão, tal como um condenado à morte na iminência de ser fuzilado. Aqui, o “carrasco” é o FMI,



representado pelo arquétipo americano, a personagem com um rótulo em seu paletó, com a sigla “FMI”. A pergunta “qual o seu último pedido?” não é feita por nenhuma personagem, sendo apenas sugerida por Angeli no título da charge. Não temos a resposta da personagem questionada, deixando subentendido que o “último pedido” de FHC foi dinheiro ao FMI, ao que o “carrasco” respondeu: “Empréstimo?” E você tem alguma quantia em mente?”. Fica implícito que pedir dinheiro ao FMI é um suicídio.

Todos esses problemas acabaram inevitavelmente se refletindo na popularidade do governo de FHC. Popularidade que, nos 3 primeiros meses de governo do presidente tucano, chegou a atingir índices de 70% de aprovação da população brasileira, segundo pesquisa Datafolha. Ao final de seu segundo mandato, o índice havia despencado para 26% de aprovação popular. Uma queda exponencial apontada por Angeli já em 14 de março de 1999, quando da publicação da charge *Dane-se*.

Aliás, o fim do mandato também mereceu o olhar particular de Angeli. É esse o caso da charge *Caminho do Fim*, de 8 de julho de 2001, em que um sujeito ao volante de um carro antigo (a julgar pelo formato e posição do câmbio de marchas), pergunta “Excelência, qual caminho tomaremos?”, ao que FHC, sentado no banco de trás, responde “O do fim”. Ao fundo, pode ser ver, através da janela de trás do carro, Brasília em chamas. Típica cena de filmes policiais ou de ação, em que, após explodir tudo, o personagem profere uma frase de efeito.

### **Considerações finais**

Assim, através deste trabalho podemos perceber qual construção específica do governo (e do presidente) Angeli propôs nas suas charges uma versão do período histórico, criada pelos desenhos de humor, um governo de engajamento político e consolidado em suas alianças, mas um governo com muitos problemas, problemas estes refletidos sobre a personagem FHC. Verificamos de que forma se deu esta construção, com a análise da realidade no discurso, calcado no período, em fatos e a figura pública.

Assim a análise das charges deixa claro que o mesmo humor ácido empregado por Angeli em sua obra como cartunista (materializada, sobretudo, na revista *Chiclete com Banana*) foi transposto por completo para as suas charges produzidas entre 1995 e 2002, englobando os oito anos e dois mandatos do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Nesse sentido, é possível afirmar que, através da *Biografia Não-Autorizada de FHC*, escrita através de seus desenhos, Angeli apresenta uma visão



extremamente crítica e contundente da gestão presidencial de Fernando Henrique Cardoso, embora sempre apresentando um viés humorístico, típico da linguagem da charge, juntamente com seu caráter de jornalismo opinativo. Tal postura direciona-se tanto para acontecimentos da época quanto para o próprio FHC enquanto figura pública.

E, além dos fatos, cada desenho está sujeito a múltiplas formas de leituras, passivas a cada indivíduo, mesmo que algumas não sejam a intenção do autor, pelo fato da linguagem polissêmica da charge, dela dizer várias possibilidades num único desenho, o que torna a *Biografia Não-Autorizada de FHC*, um objeto muito rico e com uma exploração ilimitada de seu sentido, desde que este esteja amarrado ao seu contexto, pois, como visto no decorrer do trabalho, charge está intimamente ligada ao seu contexto, o que extrapolar esta questão é “achismos” sem fundamentação teórica.

A *Biografia Não-Autorizada de FHC* resultante das charges de Angeli, e publicada no site do *UOL*, pode ser considerada uma fonte de análise e pesquisa de um determinado período histórico, político, econômico e social, por apresentar uma construção e interpretação específica daquela realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. **Jornalismo, matéria de primeira página**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 1991.

FELDENS, T. C. **Estudo sobre as charges**: o meio ambiente retratado pelo desenho da imprensa gaúcha. Monografia (Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FILHO, A. G. **O segredo da pirâmide** – para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.



NOGUEIRA, A. A. **Humor e populismo**: a produção de José Nelo Lorenzon. In: ESCOLA de Comunicação e Artes. São Paulo: USP. Disponível em: <<http://www.fatea.br/seer/index.php/janus/article/viewArticle/38>>. <://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/visuais/andreaogueira.doc>  
Acesso em: 01 jul. 2009.

OLIVEIRA, N. A. A. **Gêneros jornalísticos opinativos de humor**: caricaturas e charges. In: FACULDADES Integradas Teresa D'Ávila. São Paulo: FATEA. Disponível em: <<http://www.fatea.br/seer/index.php/janus/article/viewArticle/38>>. Acesso em: 01 jul. 2009.

PAGLIOSA, E. L. B. **O traço nada inocente da charge**: um estudo sociocognitivo do texto de humor. Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

PILLA, A.; QUADROS, C. B. **Charges**: uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha Francesa. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: **Anais** do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Universidade Regional de Blumenau (FURB) – SC.

REIS, M. A. S. **O governo de Fernando Henrique Cardoso analisado através das charges**. In: PORTAL educacional do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/594-4.pdf?PHPSESSID=2009050514055562>>. Acesso em: 01 jul. 2009.

SILVA, R. A. **O discurso político na charge**. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_013.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_013.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2009.

SOUZA, L. A. D. **Charge jornalística**: um passeio pelas estratégias discursivas e pela construção do contrato de comunicação do sujeito-destinatário nas charges de Angeli/Folha de S. Paulo. Monografia (bacharel em Comunicação Social) – Departamento de Ciências da Comunicação, Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2007.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

### Sites consultados

BIOGRAFIAS. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u72.jhtm>>. Acesso em: 08 set. 2009.

DADOS DO GOVERNO. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702003000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000200008)>. Acesso em: 08 set. 2009.



GOVERNO FHC. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Governo\\_FHC](http://pt.wikipedia.org/wiki/Governo_FHC)>. Acesso em: 08 set. 2009.

PORTAL UOL. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/angeli/fhc/>>. Acesso em: 01 jul. 2009.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Angeli>> Acesso em 01 jul. 2009.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/FHC>> Acesso em 01 jul. 2009.